

A Ética Ubuntu dos Bairros Negros

The Ubuntu Ethics of Black Neighborhoods

Tiago Souza de Jesus

Doutorando em Educação - Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil
tiagounifesp@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4069-1654>

Henrique Cunha Junior

Doutor - Instituto Politécnico de Lorraine – Nancy, França
Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil
hcunha@ufc.br
<https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>

Resumo: O presente estudo visa promover uma reflexão acerca da vida urbana e da ética Ubuntu. Especificamente, estuda-se as dinâmicas existentes na Comunidade Rosalina, um bairro negro da cidade de Fortaleza-CE. Apresenta-se as

processualidades e as dimensões do urbanismo afrodescendente como forma de entender as especificidades existentes nos meandros da vida urbana da população negra. Metodologicamente, o texto é escrito sob as bases da micro-história na perspectiva da afrodescendência, como estratégia de apreender o cotidiano existente no espaço urbano. As bases teóricas seguem a linha do pan-africanismo como forma de interpretação do que está posto como objeto de estudo. Como conclusão, entende-se que as sociabilidades e as formas de vida na Rosalina apresentam aspectos da ética Ubuntu na coletividade, na vida em comum união e no senso de bem-estar coletivo.

Palavras-chave: Ubuntu; Bairros negros; Afrodescendência

Abstract: The present study aims to promote a reflection on urban life and Ubuntu ethics. Specifically, it examines the dynamics existing in the Rosalina Community, a black neighborhood in the city of Fortaleza, Brazil. It presents the processes and dimensions of Afro-descendant urbanism as a way of understanding the specificities within the intricacies of black urban life. Methodologically, the text is written based on the foundations of micro-history from the perspective of Afro-descendants, as a strategy to grasp the everyday life in urban space. The theoretical foundations follow the line of Pan-Africanism as a way to interpret what is set as the object of study. In conclusion, it is understood that the sociabilities and ways of life in Rosalina present aspects of Ubuntu ethics in collectivity, in common living, and in the sense of collective well-being.

Keywords: Ubuntu; Black neighborhoods; Afro-descendancy

Introdução

“Umuntu ngumuntu ngabantu”

(Provérbio Zulu)

A frase "Umuntu ngumuntu ngabantu" trata-se de um provérbio em língua Zulu que expressa o que chamamos de humanismo africano (VASCONCELOS, 2017; CUNHA JR., 2010). Este provérbio encapsula a filosofia Ubuntu, originária das culturas africanas, com forte presença entre os povos de etnia Bantu (VASCONCELOS, 2017). A expressão "Umuntu ngumuntu ngabantu" pode ser traduzida como "Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas". Esse provérbio enfatiza que a identidade de um indivíduo está intrinsecamente ligada às relações e interações com os outros membros da comunidade a que pertence. O bem-estar de cada pessoa está interligado ao bem-estar da comunidade como um todo.

Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão acerca das formas de vida coletiva da população negra da Comunidade Rosalina, um bairro negro da cidade de Fortaleza/CE, fundado na década de 1990, em um processo coletivo de ocupação da terra e construção das moradias no local ocupado. As concepções cotidianas de coletividade são expressas nas relações sociais do dia-a-dia observado e vivenciado em percursos urbanos realizados pelos autores-moradores do bairro negro. A presente reflexão sublinha a afrodescendência e a africanidade e ressalta os valores dos conceitos de ancestralidade e comunidade como dimensões fundantes dos bairros negros.

A pesquisa na Afrodescendência: método

Como método de investigação, utilizou-se a Metodologia Afrodescendente de pesquisa como concepção de ser e estar no campo de pesquisa. O pesquisador da Afrodescendência pertence ao território, está conectado “de forma física, mental, emocional e espiritual como parte do ambiente da cultura afrodescendente onde se instala a investigação desejada (VIDEIRA, 2010: 86)” e

carrega consigo um vínculo com o objeto de pesquisa estabelecido antes mesmo da própria pesquisa ser formulada. É sob esse aspecto que residem os desafios de se pesquisar na perspectiva da afrodescendência. Ao passo que o pesquisador da Afrodescendência pesquisa, ele é pesquisado (LUZ, 2002), pois investiga o seu local de convivência, de socialização, de vida.

A trajetória metodológica empreendida na elaboração desta pesquisa encontra sua base nos princípios da afrodescendência. Repudiando a epistemologia centrada na perspectiva branca e ocidental, adotamos o que Piedade Videira Lino denomina de “abordagem sócio-histórica desse continuum cultural” (VIDEIRA, 2010: 51). Sob a realidade brasileira, os bairros negros são marcas profundas das civilizações africanas e de seus descendentes presentes em um processo longo de construção das cidades brasileiras.

Processo este o qual tem em seu bojo a ancestralidade, a oralidade e a comunidade, materializados “dentro da sociedade brasileira nos valores socioculturais afrodescendentes que podem ser encontrados nas sociedades tradicionais africanas que se mantiveram nos grupos étnicos de maioria afrodescendente na diáspora” (VIDEIRA, 2010: 53).

Como método, utilizou-se a pesquisa qualitativa como estratégia de apreender o dia-a-dia dos moradores da comunidade, de forma que se possa mensurar e delinear as dimensões das relações sociais vividas em comunidade urbana negra. Como estratégia de coleta de dados, utilizou-se os percursos urbanos (SILVA, CUNHA JR., 2019), na qual estabelece-se um diálogo com os moradores, integrando-se ao cotidiano do qual já faz parte, realizando uma pesquisa que ocorre simultaneamente à experiência vivida.

Nos bairros negros, essa abordagem permite que o pesquisador se despoje de sua própria realidade, possibilitando uma visão mais direta das dinâmicas sociais presentes. Essa abordagem crua em lidar com o cotidiano está associada à maneira como a realidade se revela ao pesquisador. Ao viver em sua comunidade, ele mobiliza conhecimentos que ajudam a compreender as raízes dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que contribui para a produção de conhecimento sobre o que está ocorrendo.

Concepções iniciais: filosofia ubuntu e a vida em comunidade

O Brasil foi colonizado por africanos (QUERINO, 1918). A terra, espaço de disputa e motor do desenvolvimento histórico do Brasil, foi ocupada pelos africanos e seus descendentes e deu forma às formas de vida afrodescendentes. A Comunidade Rosalina é formada por uma população cuja identidade é profundamente enraizada na interconexão da cultura e história que compartilham coletivamente em seu território. A estrutura social da Comunidade Rosalina é influenciada por princípios éticos específicos, notadamente o conceito de ubuntu e a abordagem bantu de ocupação e convivência.

A filosofia Ubuntu promove valores de compaixão, empatia, solidariedade e cooperação (VASCONCELOS, 2017). Ela ressalta a importância de reconhecer a humanidade nos outros e agir de maneira ética e responsável em relação à comunidade. O Ubuntu é muitas vezes citado como uma base para o entendimento das relações humanas e o desenvolvimento de sociedades mais justas e harmoniosas. O bem-estar de todos é a métrica para o bem-viver de cada indivíduo da comunidade. Essa concepção filosófica de vida rege grupos étnicos africanos e entre seus descendentes.

O ubuntu, derivado da fusão das palavras ubu e ntu, é central para a compreensão da existência dentro da Rosalina. O "ubu" está intrinsecamente ligado ao ser-sendo, sublinhando uma existência que transcende a manifestação concreta (RAMOSE, 2002). A influência da forma bantu de ocupação e convivência destaca-se na estrutura da comunidade. Os princípios bantu, caracterizados pela valorização da coletividade e pela harmonia com o meio ambiente, moldam as relações sociais e o uso do espaço dentro da Comunidade Rosalina.

A ocupação do território é entendida não apenas como uma questão de delimitação física, mas como uma interação dinâmica entre os afrodescendentes e o espaço físico. É no espaço ocupado que se manifesta a existência, que na perspectiva Ubuntu se define pela existência de outras existências (CUNHA JR. 2010). Aqui se expressa o sentido de coletividade. Existe uma lógica que explica o bem viver na comunidade Rosalina. A existência de outras existências fundamenta-se no fato de que "suas relações sociais [são] baseadas na tradição, na ética social e no reconhecimento de todos como indispensáveis" (CUNHA JR., 2010: 36-37).

As formas de ocupação e convivência da comunidade influenciam as relações interpessoais, as práticas cotidianas, ritualísticas, culturais, de celebração e educacionais. A

Comunidade Rosalina, portanto, não apenas preserva suas tradições culturais, mas as incorpora em sua forma de vida diária, reforçando a continuidade de sua identidade cultural ao longo do tempo. A identidade da Rosalina é uma construção dinâmica que se desdobra a partir das sociabilidades, da ética ubuntu e da forma bantu de ocupação e convivência no meio urbano. Na lógica bantu, tudo depende de uma pré-existência, na qual a participação de todos os membros é fator fundamental para manutenção dos valores sociais (CUNHA JR., 2010). As formas de coletividade não apenas definem a Comunidade, mas também impulsionam suas formas de vida, de forma que se mantém viva a gênese da própria Rosalina.

A espacialidade negra da vida urbana afrodescendente

Antes de iniciarmos a discussão sobre a forma urbana negra, é essencial explorar a noção de bairro. O termo "bairro" é comumente utilizado como uma subdivisão administrativa em áreas urbanas, destinado a demarcar regiões distintas. Tais demarcações podem abranger diversas dimensões, incluindo aspectos físicos, como infraestrutura específica em determinados bairros, e fatores econômicos, como a concentração de residentes com maior poder aquisitivo em outros.

Essas diversas dimensões contribuem para a singularidade de cada bairro, conferindo-lhes características próprias que os distinguem uns dos outros. Seguindo neste sentido e em linhas gerais, essas distinções moldam a maneira como as populações se referem a cada localidade, estabelecendo rótulos como bairro de classe econômica alta, bairro de classe econômica média e bairro de classe econômica baixa.

Assim, surgem várias formas de designar determinadas áreas de uma cidade, dentre elas a ideia de bairros populares. Os bairros populares são definidos como uma parcela de áreas da cidade que concentram pessoas de baixa renda e que são definidos como lugares de ausência e precarização: ausência de serviços públicos, ausência de infraestrutura e residências precárias. As precarizações e ausências dão aos bairros populares inúmeros conceitos: vilas, cortiços, favelas, etc. A ausência de vida, de felicidade, de infraestrutura são as dimensões dos bairros populares, na concepção geral de estudos feitos em universidades, sobretudo quando estudados sob a ótica do materialismo histórico-dialético.

O espaço é um conjunto de objetos e das relações realizadas sobre estes objetos (SANTOS, 1997: 71). Neste sentido, o espaço tem dois elementos fundamentais: os objetos que o constituem e a ação humana sobre estes objetos realizada em um dado momento histórico. Essa ação, porém, determinada por fatores culturais, econômicos e sociais, determina a identidade do espaço. Um espaço habitado por uma população de maioria étnica de afrodescendentes constitui-se de objetos que remetem à cultura e história afrodescendente naquele determinado espaço. A maioria afrodescendente em um dado espaço é responsável pela dinâmica e determina uma série de fatores preponderantes para entendermos o desenvolvimento histórico, social, cultural, arquitetônico e econômico daquele lugar.

O bairro negro, na sua concepção histórica, é marcado por diferentes sociabilidades e espacialidades, baseados nas expressões da vida cotidiana da cultura negra. O bairro negro concentra marcas que aqui chamamos de afroinscrições (SILVA, 2018). A forma urbana negra está para além do que é visível e materializado (CUNHA JR., 2019: 72). Como o espaço é também "orgânico" (existe de fato um espaço dos corpos vivos e dos grupos sociais), a relação espacial suscita a noção de forma social entendida, segundo Ledrut em sua obra *La forme et le Sens dans la Société*, como "conjuntos feitos de elementos múltiplos (ainda não conceitualizados sob os vocábulos sociológicos de instituição, cultura, estatuto e que aparecem muito concretamente em nossa experiência como um certo estilo de existência)" (LEDROUT, RAYMOND, 1984: 46 apud SODRÉ, 2002: 20).

Os bairros negros são expressões da forma urbana negra, sendo esta última desenhada por dimensões da vida cotidiana de afrodescendentes em bairros. As expressões das identidades negras em um território, produz espacialidades negras. As espacialidades negras resultam no bairro negro. O bairro negro é, portanto, uma expressão da forma negra urbana em cidades. Existem alguns fatores que contribuem para que essas expressões produzam o fato materializado: o racismo anti-negro, as condições impostas pelas instituições locais, o capitalismo racista e as relações dentro da comunidade e da comunidade com o seu externo. Dentro deste espaço, se produzem concepções que aqui evidenciamos como expressões da lógica bantu: valores sociais, morais, econômicos, religiosos, políticos e estéticos. Essas dimensões produzem a espacialidade negra, que resulta no bairro negro.

O bairro negro é real, físico e material. Nele residem sonhos, lutas, conquistas, frustrações e afetos. O ato de sentar-se na porta de casa para tomar café da manhã ou almoçar diz muito da necessidade de compartilhar com o bairro sua vida. O privado e o público se confundem. Pendurar roupas na porta de casa e ter a certeza de que elas estarão ali naquele mesmo lugar reafirma os contratos de convivência em comunidade estabelecidos.

Todos esses fatos são afroinscrições que compõem as dimensões da forma negra urbana no que se refere às expressões das identidades. Estabelece-se uma lógica de convivência, distinta dos demais bairros onde a maioria da população não é afrodescendente. O elemento fundante da forma negra urbana são, portanto, as afrodescendências. As dimensões da dinâmica social do bairro negro relacionam-se com a perspectiva ubuntu de viver em sociedade.

Bairros negros: Aspectos Ubuntu da vida urbana negra

Bairros negros referem-se a uma forma de ocupação da terra organizada pelos descendentes dos africanos, os quais produzem *processualidades* que marcam de forma econômica, social, cultural, educativa, urbanística e arquitetônica o lugar onde a maioria é de população negra. Sociabilidades, redes e estratégias de vida são perspectivas dimensionadas neste artigo com intuito de tentar traduzir a complexidade da vida urbana dos afrodescendentes na comunidade Rosalina. Inicialmente, iremos dimensionar a forma e o conteúdo do bairro negro Rosalina. Mas, para isso, preciso definir o que é “forma” e “conteúdo”.

Para entender as diferenças de forma e conteúdo, deve-se compreender cada uma em sua singularidade. Na definição do conteúdo, Georg Simmel (1983: 166) aponta que é tudo aquilo que existe no indivíduo, tais como: vontades ou sentimentos, no qual o objetivo se delineia em causar efeitos sobre os outros ou mesmo sofrer efeitos dos outros. No estudo sobre sociabilidade feito por Simmel, matéria e conteúdo é tudo aquilo que está presente no indivíduo e tem potencial para criar ou influenciar outros indivíduos, no ato da *sociação*. Essas “matérias”, segundo Simmel, não são sociais. O amor, a fome, o trabalho, a religiosidade têm potencial agregador de indivíduos isolados e todas essas dimensões são fatores de *sociação* (SIMMEL, 1983: 166).

Os sentimentos como raiva, tristeza, alegria não geram interação, uma vez que elas são características intrínsecas do indivíduo e isso precisa ser exteriorizado de maneira que se tornem formas de estar com os outros. É exatamente isso que Simmel chama de *sociação*, que, em síntese, é a forma que exteriorizamos os conteúdos. E isso pode acontecer de diversas formas, como conversas, gestos ou expressões faciais. Simmel faz uma diferenciação entre “sociedade” e “uma sociedade” colocando que o fator preponderante que diferenciam ambas é necessariamente o seu conteúdo.

qualquer sociedade política ou econômica, ou qualquer que seja a descrição de seus objetivos, é uma “sociedade”. Mas apenas a sociável é “uma sociedade” sem outras qualificações. Esta se ergueu acima de todos os conteúdos, tais como aqueles que caracterizam aquelas “sociedades” mais “concretas”. (SIMMEL, 1983: 169)

Seguindo esta perspectiva, sociedade é a “interação entre os indivíduos” (SIMMEL, 1983: 165) Interação esta que obriga “os indivíduos a formarem uma unidade com base nos seus instintos e interesses” (SIMMEL, 1983: 166). No entanto, preciso colocar aqui que interação e sociabilidade são termos distintos na concepção de Georg Simmel. Para que haja sociabilidade, é necessário que exista “autonomização na interação”, que nada mais é que a libertação de traços da realidade. A interação é, portanto, o conteúdo de cada indivíduo, que resulta na união com outro. Isso é definido como interação. Mas, a partir do momento que os dois se relacionam com interesses mútuos de um grupo, passam de uma interação para uma socialização.

Esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma de vida societária. Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. (SIMMEL, 1983: 168)

A socialização, portanto, tem a característica de agrupar indivíduos por meio de “impulsos de sociabilidade” (SIMMEL, 1983: 169), que é a “mútua determinação dos elementos da associação” (SIMMEL, 1983: 169). Em um diálogo, a entrevistada Império Mali afirma “tua mãe era como uma irmã para mim. A gente sempre se ajudava, armaria¹, vivia sempre juntas nós!”.

¹ *Armaria* é uma expressão derivada da interjeição *Ave maria!* surgida inicialmente como uma prática de devoção. Hoje pode ser vista também entre os jovens como a expressão: *Aff!*, que é uma abreviação de *armaria*, que por sua vez é uma abreviação de *Ave Maria!*

sentados ao redor de uma mesa. E todos contavam com orgulho a quantidade de tempo que residem na Rosalina.

Esse tempo de moradia influencia uma série de questões: é fundamental para a garantia de respeito pela comunidade; quanto mais tempo reside na comunidade, mais respeito recebe dos demais, sobretudo dos mais novos. Existe, portanto, uma hierarquia baseada no tempo de vínculo que cada um tem com o bairro. O tempo de relação com o território permite o acesso a espaços (ruas e vielas) privados aos que chegaram há pouco tempo. Na Rosalina, nenhum morador é impedido de circular dentro da própria comunidade. Contudo, a comunidade vem crescendo cada dia mais e pessoas mais jovens vem chegando para morar à medida que outras pessoas vão saindo da comunidade para morar em outro bairro.

A identidade do grupo étnico da comunidade Rosalina foi moldada pela cultura e história compartilhadas. Ainda que exista disputa em torno das narrativas relacionadas a sua origem, a estrutura do bairro emerge a partir de um esforço coletivo das interações sociais, associadas à ética ubuntu e à forma bantu de ocupação e convivência. Ubuntu é a união de duas palavras em uma: ubu e ntu. Enquanto ubu está relacionado ao ser-sendo, referindo-se a uma existência antes de se manifestar de forma concreta. Em outras palavras, é aquilo que não expressou plenamente sua forma total e está continuamente orientado em direção à descoberta e à manifestação através de formas específicas e modos de ser (RAMOSE, 2002).

Ao caminhar pelas ruas da comunidade, seguindo seu percurso urbano e ao parar para conversar com alguém que pouco conhece, a credencial é o nome da rua onde mora. Esta precisa necessariamente ser dentro da comunidade. A segunda credencial tem relação com a família a que pertence. Falar o nome da mãe, pai, tias ou primos é necessário para que saibam que não é "de fora". A partir desse momento, nota-se em todos os entrevistados um certo alívio na postura do corpo, que dali em diante fica relaxado e demonstra algum tipo de confiança e conforto em estabelecer um diálogo sobre a vida na comunidade.

A ancestralidade e a comunidade são os dois valores sociais africanos que nos servem aqui neste percurso. O gesto de bater no peito com orgulho levantando a voz afirmando "eu moro aqui desde que ela (a Rosalina) nasceu"² (Gana, durante percursos urbanos) é representativo do

² Todos os entrevistados tiveram seus nomes substituídos por nomes de reinos e impérios africanos. No caso da entrevista com o reino do Mali, seus filhos participaram do momento e foram referenciados por nomes de países

acúmulo repetitivo da experiência humana, que está ancorada na ancestralidade. As narrativas orais contribuem para que possamos identificar a força das relações que as pessoas têm com a comunidade. “Eu não pretendo sair daqui. Eu cresci aqui, meus filhos cresceram aqui e meus netos também vão crescer aqui.” (Gana, durante percurso urbano).

O tempo e o espaço na ancestralidade explica o fato de as famílias mais antigas da Rosalina serem respeitadas pelos mais novos. Os mais velhos são representantes da primeira geração daquele espaço no tempo presente. São detentores da narrativa de todos os espaços e dos tempos da Rosalina. “Quando ela (a Rosalina) nasceu, só tinha mato e nós trabalhou pra construir os barracos pra gente morar. Só tinha quatro casas, e hoje está aí, nós estamos crescendo e melhorando sem ajuda de ninguém (do Poder Público)”. (sic) (Entrevistado nº 02).

Os bairros negros foram pauta do Movimento Negro com a Frente Negra Brasileira. “Uma das ações concretas dos membros da Frente em São Paulo foi comprar terrenos em loteamentos recém-abertos nas periferias da cidade e fundar núcleos negros formados por casas próprias” (ROLNIK, 1989: 84). Famílias afrodescendentes começaram a imprimir suas marcas no território e dinamizar a cultura local. As marcas identificáveis nas autoconstruções, nas estratégias de driblar o empobrecimento por meio do desemprego, criando oportunidades de trabalho, estratégias muitas vezes de contar metade da verdade sobre o local de residência para não ser excluído do processo seletivo de emprego.

Dimensões da vida ubuntu na comunidade Rosalina

Compreender as especificidades das formas de vida negra em bairros é necessariamente compreender o significado de comunidade na prática, com todas as suas incompreensíveis adversidades cotidianas no mesmo espaço e tempo. No dicionário Houaiss da língua portuguesa, comunidade é “1. um conjunto de habitantes de um mesmo local. 2. Conjunto de indivíduos com características comuns. 3. Conjunto de populações que habitam uma mesma área ao mesmo

africanos. No caso de citação do nome de outros moradores, estes também serão referenciados por nomes de países africanos.

tempo” (HOUAISS, 2004: 175). A segunda definição do dicionário ajuda a compreender as diferenças que o senso comum emprega em relação aos conceitos de favela e comunidade.

Comunidade é vista como conjuntos habitacionais. Construções padronizadas por um engenheiro e arquiteto contratados especificamente para projetar e materializar alguma ação governamental na área habitacional. As comunidades, seguindo essa linha de raciocínio, são dotadas de uma estrutura mínima de habitação, “é algo mais organizado”, como definiu um colega de trabalho em um dia comum de diálogo sobre o bairro Rosalina. Já as favelas, continuando nessa mesma linha de raciocínio, são lugares sem padronização e sem estruturas mínimas de construções habitacionais. Favela é algo “menor”, é necessariamente definida pela falta de algo.

Essas definições baseadas no senso comum foram elaboradas a partir de diálogos, sobretudo com pessoas que não residem na comunidade. Conversa em que a pauta principal sempre foi iniciada pelo “como é morar lá?”. Ao longo da pesquisa, foi possível notar que, nos percursos urbanos, havia uma distinção do que é comunidade Rosalina e Favela da Rosalina. O senso comum percebido nos diálogos com pessoas de fora da comunidade também permeia as definições de alguns moradores de dentro da comunidade. As pessoas entrevistadas e que residem nas ruas Thomaz Coelho, 7 de julho e nas imediações da rua 101 referem-se ao seu lugar de moradia como comunidade. Todo o restante é favela.

Imagem 2: Vista de cima da comunidade Rosalina.

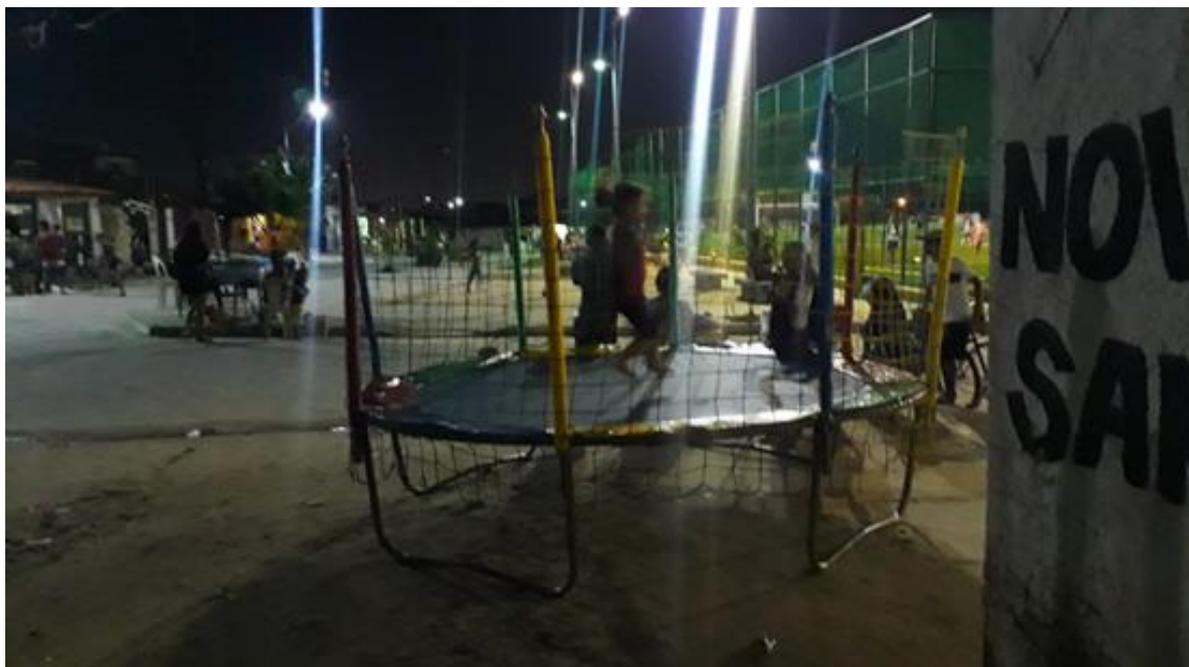


Fonte: *Google Earth*, 2020.

No esquema desenhado acima, as áreas n° 02, n° 03 e n° 04 são definidas pelos próprios moradores como comunidade Rosalina, enquanto a área n° 01 é definida como favela. Esse movimento foi observado ao longo de todo o percurso urbano. Essa é uma das muitas incompreensões existentes dentro da especificidade da vida urbana no bairro negro. Na dinâmica social do dia a dia, todas as áreas são constituídas por afro inscrições, conceito desenvolvido na tese de doutorado da pesquisadora Renata Aquino Silva, que dialoga diretamente com bens de natureza imaterial, ou seja, formas de expressões e práticas da vida social (SILVA, 2018: 33).

A Rosalina, forma negra urbana, é pensada como possibilidades sociais, econômicas e culturais, que moldam as vidas e o cotidiano da população residente de bairros negros. Na Comunidade, a areninha do palito é o único equipamento cultural existente dentro do território. Esse campo, existente desde o nascimento da Comunidade, viabiliza uma série de atividades. Campeonatos de futebol, com premiação aos times vencedores. Durante os campeonatos, as famílias vão assistir, moradores aproveitam o momento para comercializar algum tipo de comida ou bebida. Além dos campeonatos, alguns dias da semana e aos sábados à noite a areninha fica disponível às crianças que desejam jogar. Então, pais e mães levam seus filhos para brincar dentro do campo. É um momento de alegria.

Imagem 3: criança brincando no pula-pula, na esquina da rua Hildebrando Pereira, no entorno da Areninha do campo do Palito



Fonte: arquivo pessoal, data: março de 2022.

O campo constitui-se como um espaço de encontros, brincadeiras, confraternização e concentra diversas formas das expressões urbanas das manifestações culturais que ocorrem no bairro negro. As quituteiras, os mercados informais, as feiras, os ambulantes, tais como vendedores de comida, bebidas e pessoas que alugam brinquedos infantis por um preço a hora fracionada³. Essa configuração no entorno do campo se potencializou após a construção do espaço da areninha, “constituindo um conjunto de repertórios culturais que se processam nos territórios afrodescendentes” (RAMOS; CUNHA JR., 2007: 81).

Imagem 4: Vista do entorno da areninha em dia de jogo de futebol.

³ 10 minutos custa 2 reais para a criança brincar no pula-pula.



Fonte: Arquivo pessoal, data: julho de 2021

Durante o período de flexibilização das regras de isolamento social devido a COVID-19, aos sábados, a partir das 22h, passou a acontecer festas com sons automotivos. Essas festas aconteciam de forma independente. As pessoas se organizavam em torno de um cooler com bebidas alcoólicas e um carro com som. Até o período em que a população passou a reclamar do uso de drogas na frente de crianças, por volta das 19h e 20h. Algumas pessoas queriam começar a festa mais cedo e por isso havia um conflito de horários de uso do espaço.

Então, houve uma determinação interna de que estava proibida festas na Areninha, devido à “irresponsabilidade de alguns que não respeitaram as famílias”. Essa frase foi dita por um morador no dia da proibição. Desde então, não houve mais festas com essa configuração. Essa proibição não afetou as sociabilidades da areninha: reunir-se com amigos para conversar, beber ou jogar futebol continua normalmente. Nas festas de fim de ano, o campo transformava-se em área de som, onde o dono de um bar no entorno ligava seu som no volume mais alto e ali confraternizávamos com a chegada do *ano novo*.

A arquitetura da Comunidade possibilita algumas situações de lazer percebidas durante os percursos urbanos realizados. Entre os anos de 1999 e 2003, em muitas situações cotidianas minha família e eu íamos ao Campo do Palito para realizarmos algumas atividades de lazer. Comumente aconteciam jogos de futebol, Verdão da Vila, time de futebol da Rosalina até hoje participa de uma série de campeonatos locais. Com isso, era comum nos sentarmos ao redor do

campo, na frente das casas das outras pessoas e conversar sobre o jogo, sobre a vida, sobre problemas pessoais, angústias, alegrias e tristezas. Nós, crianças, utilizávamos a lateral do campo para brincar de “pau na lata”⁴, pião⁵, bila⁶ ou mesmo futebol.

Os percursos urbanos realizados ao longo da pesquisa revelaram que essas formas de expressões urbanas continuam existindo e sendo parte da dimensão da vida urbana negra no bairro. Enquanto este texto é escrito, um morador chama o pesquisador-morador na porta de casa para ir até a areninha do campo do palito para ver se tem jogo acontecendo. O mesmo convite era comum de acontecer há 20 anos atrás.

As festas de fim de ano, de confraternização, queima de fogos de artifício, aconteciam no campo do palito. Houve um momento em que o funk esteve em alta na comunidade. No lançamento do grupo de funk Furacão 2000, um morador da Rosalina tinha um equipamento de som com caixas amplificadoras. Por muito tempo, o lazer resumiu-se em ouvir músicas de funk no campo do palito sentado nas calçadas ao redor do campo.

Nesse mesmo lugar, localizam-se mercados, cabeleireiro, bares e locadoras de vídeo game⁷. A vida acontecia em torno do campo. Havia piqueniques organizados pelo time de futebol amador da Comunidade, no qual meu pai foi jogador por muitos anos. Esse time organizou jogos contra times de outras cidades como Maranguape, Sobral, Pacajus, dentre outras cidades que foram locais que viajamos para prestigiar o confronto entre os times. Um ônibus era alugado pelo clube com apoio de moradores da comunidade. O campo do Palito foi por muito tempo o ponto de encontro, que acontecia às 04 horas da manhã. A alimentação era de responsabilidade de cada família, porém, durante o almoço havia compartilhamento da alimentação entre todos de forma que nenhum participante ficasse sem se alimentar. Por vezes o pesquisador perguntou à sua mãe o porquê de tanta comida nas sacolas e ela respondia que “era para gente comer bem”. Mas, nem sempre era assim.

⁴ Brincadeira semelhante ao Beisebol, porém, brincada com um uma bola de tênis, pedaços de madeiras e garrafas *pet*. O objetivo do jogo é arremessar a bola de forma que atinja a garrafa *pet* do adversário.

⁵ O pião é conhecido como carrapeta, pinhão em outros locais do Brasil e *xindire*, *n'teco mbila* em algumas regiões de Moçambique.

⁶ Bila é uma variação de peteca e bola de gude, amplamente disseminado no país.

⁷ Locadora de vídeo game é o nome dado a um espaço em que se paga para utilizar o videogame por determinada hora e preço. Até 2005, juntamente com o cabeleireiro, era o único estabelecimento a oferecer tais serviços dentro da comunidade.

O Cotidiano atual descentralizou os pontos de lazer, que até 15 anos atrás concentrava-se no Campo do Palito e na casa do dono do time de futebol, localizada na Rua Matadouro, ao lado do campo. O lazer hoje em dia acontece nas vias públicas, nas ruas da Rosalina. A estrutura específica das ruas aproxima as habitações umas das outras. Existe mais sentido a realização do lazer na rua do que em um espaço específico distante e isolado da comunidade, ainda que o campo esteja a 10 minutos de qualquer residência da Rosalina. Até mesmo devido ao compartilhamento do momento com a vizinhança e o suporte das casas para realização do lazer. Algumas dessas expressões só fazem sentido se acontecer na porta das moradias. Neste sentido, as ruas e o campo do palito são de uso constante para o lazer. Maria Estela Rocha Ramos vai dizer que

A rua, como espaço público, era o lugar das vivências cotidianas, das trocas, das festas religiosas e cortejos, enfim, espaço de socialização. Para as elites, no entanto, a rua se tornou terra-de-ninguém, perigosa porque mistura classes, sexos, idades, funções e posições de hierarquia. [...] a superposição de funções e o uso coletivo do espaço, além da estratégia de sobrevivência designam o modo de vida, modos de vida estes que delineiam formas e usos do espaço com suas próprias lógicas, razões e significados que vão muito além da simples precariedade da pobreza ou reflexo da prática da escravidão. (RAMOS, 2007b: 109)

Atualmente o campo do palito é um lugar-comum⁸ a todos da comunidade. Em dezembro, o último evento do ano de 2017 foi um jogo de futebol amistoso entre torcedores dos times de futebol profissional Fortaleza E.C e Ceará S.C. Ambos os times amadores eram compostos por torcedores e moradores da Comunidade do Riacho Doce⁹ e da Rosalina. Existem alguns espaços de encontro e sociabilidade que são comuns a todos, inclusive aos recém-chegados na comunidade. O campo do palito, apesar do ocorrido nos últimos anos¹⁰, continua sendo um espaço comum a todos na comunidade.

⁸ Considero lugar-comum uma parcela do espaço habitado no território em que a comunidade local tem conhecimento e utiliza este espaço para socialização, pontos de encontro, festas e diálogos. Quando saímos em busca de alguém para conversar ou ir em algum lugar, iniciamos essa busca pelo campo do palito: você sabe onde fulano está? - Ele deve estar no campo! No caso da experiência da Rosalina, o lugar-comum é a marca fundante do surgimento da comunidade, que surgiu ao redor do campo do palito.

⁹ Comunidade do Riacho Doce está localizada ao sul da Rosalina, no bairro vizinho chamado Passaré, trata-se de uma comunidade mais antiga que a Rosalina, composta em sua forma inicial por remanescentes do Quilombo Bastiões.

¹⁰ Há alguns anos houve uma série de assassinatos no campo do palito, que o fez ser interditado e posteriormente abandonado, permanecendo o espaço, bem como as traves do campo, porém, encurtando seu tamanho, sendo tomado pelo *matagal*. Essa realidade durou mais de uma década, sendo intensificada nos anos entre 2010 e 2015. O jogo acima marca o reinício do uso do campo de futebol como espaço de sociabilidade da Comunidade.

A forma de comercialização e as estratégias de vida coletiva

A cooperação é uma das dimensões presentes nos valores societários bantu (CUNHA JR., 2020). Egito, um chefe de família e comerciante da comunidade afirma vender fiado apenas para as pessoas da comunidade: “aqui a gente conhece todo mundo. Esse menino aqui que veio comprar esses pães, a mãe dele mora bem ali. Eu vendo fiado para ela, ela precisa e eu também preciso. Vender fiado é como se ajudar!” (Entrevista com Egito, 2023). Nota-se uma confiança mútua criada em uma estrutura lógica. Esse fato permite a participação dos membros da comunidade nesta dinâmica, ao passo que promove a cooperação entre os membros.

Zimbabwe é um dos moradores mais antigos da Rosalina e tem um dos comércios mais antigos e ativos da comunidade. É conhecido por muitos devido sua trajetória dentro do bairro. Homem negro, paulista, chegou na Rosalina em 1998. Durante o percurso urbano, houve uma conversa com ele e esse momento aconteceu em frente ao seu comércio, um dos mais antigos e ativos da comunidade. Para que a conversa pudesse acontecer, foi necessária uma apresentação, para que ele pudesse identificar a que família o sujeito que lhe dirigiu a palavra pertencia. Após alguns minutos se apresentando, houve o convite a sentar para conversar com ele ali mesmo, na calçada, em uma cadeira postada na porta de seu comércio. Enquanto as pessoas transitavam na rua em frente ao seu comércio, Zimbabwe falou um pouco da sua relação com o pai do pesquisador-morador e o quanto ele gostava de vê-lo jogar bola. Em seguida, ficou triste após saber notícias da atual condição de vida de seu antigo amigo. E então, o Zimbabwe perguntou qual o intuito daquela conversa. E então, foi revelado que o intuito era ouvir a história dele.

Zimbabwe nesse momento parou e olhou para o tempo, como se quem tivesse parado naquele minuto no meio de uma longa estrada e olhando para trás e ver o longo caminho percorrido. Então ele disse: “Quando nós chegamos aqui foi muito difícil”. Após contar que, por causa de um familiar da esposa dele que já residia em Fortaleza, tinha sido o primeiro da família a sair de São Paulo para morar em Fortaleza, começou a descrever como havia tido sua primeira conquista material dentro da comunidade:

“Nós chegamos aqui em 1998 e não tava nem com um ano que tinham fundado essa favela. E aí a gente chegou e não tinha água. Juntamos um pessoal antigo. Uns que moram lá pra

dentro, uns que já morreu e começamos a cavar daquela padaria de cima, descendo naquela rua pra chegar na minha rua e entrar no rumo de lá com os canos. Aí quando a gente cavou o pessoal começou a puxar [a água] para suas ruas. Em frente a padaria ali, ela tem uma tubulação de água que morre ali. É aquele cano grosso que vai lá embaixo. Os caras caravam uma fundura medonha de frente a padaria aí colocaram uma peça pra poder puxar a água e jogar para o cano de 25 polegadas. Foi um trabalho medonho, trabalho grande.

E aí depois as brigas, porque o pessoal queria deixar a negrada usar. Porque muitas pessoas não quiseram ajudar. Depois que a gente puxou naquela rua descendo, para chegar aonde eu morava. Aí todo mundo puxou para suas casas, né?!

A energia, não tinha os postes. Era aqueles paus de carnaúba com os fios e os gatos (gambiarra) enganchado. Aí depois foi colocado energia, ne? O sofrimento foi grande, a casa de taipa, toda aleijada caindo. Quando eu comprei de lá pra cá eu não sabia que era assim, né? (Zimbabwe, durante percurso urbano em 12/2022)”

As trajetórias de vida se entrelaçam com o bairro. Quando chegou na comunidade, Zimbabwe tinha um dinheiro que havia recebido após ser demitido de uma empresa em São Paulo. Com esse dinheiro, comprou uma casa na Rosalina e montou um bar para garantir o sustento da família. Porém, após emprestar 800 reais para duas clientes do bar que o enganaram, Zimbabwe pensou em vender sua casa e voltar para São Paulo, segundo ele, desgostoso pelo que havia acontecido. Mas antes disso, desabafou com um amigo, que o aconselhou e o ajudou a seguir em frente:

Na época, a avó da minha esposa veio embora pra cá e não se deu aqui. Aí começou a ligar pra lá. E minha esposa em São Paulo, apesar de ser nascida na Liberdade e gostar do centro, ela só vivia com doença. Para resumir a história, eu tava há 7 anos na empresa e pejei para o cara me mandar embora e o cara sem querer mandar. Ai eu naquela loucura e eu peguei e vim, sem conhecer nada aqui, tu acredita? Sem conhecer nada. Aí depois desse calote que eu levei dessa mulher com o negócio do bar, aí tinha um amigo meu que se chamava Índio e que morava aqui embaixo. Fui lá e falei: vou embora! Aí ele falou assim, você vai embora? Quando eu cheguei aqui fiz amizade com ele e ele era muito meu amigo. Aí ele falou assim: mas tu vai embora por quê? Aí eu disse: porque aconteceu isso, isso e isso. Ai ele: você tem dinheiro? e eu disse que tenho. Aí ele disse: homem, acaba com esse bar e coloca uma merceariazinha pra tú. Ai eu: cara, mas não conheço a Ceasa, não sei como fazer Ceasa. E ele disse: eu lhe levo! vou te mostrar como é que compra. Aí foi onde veio a pior coisa. Eu ir pra Ceasa numa [bicicleta] cargueira, de lá pra cá. Vim de lá pra cá com 4 caixas, duas na frente e duas atrás. Eu vinha ali por dentro do pantanal, Arvoredado ali, pra chegar na Perimetral. Cara, eu chegava ali e já vinha [esgotado]. Eu cheguei a pedir água a uma mulher. Aí as coisas foi dando uma clareada e o zé da banana fazia frete [inaudível] para a Ceasa. Eu conversei com ele e ele passava aqui. 3h da manhã eu ia lá pra padaria com as caixas e me levava. Aí depois não começou mais a querer levar porque disse que tinha muito buraco e realmente tinha mesmo. Tinha muito buraco dentro da favela e podia quebrar o carro. (Zimbabwe, durante percurso urbano em 12/2022)

Índio foi um morador da comunidade conhecido pela sua frutaria na entrada da comunidade. Tinha um grande comércio conhecido por todos da região, foi um dos pioneiros a instalar um comércio dentro da comunidade. Dentre os vizinhos, Índio detinha um prestígio por ter habilidades reconhecidas pelos demais em relação ao comércio. Conhecedor dos caminhos da CEASA, tornou-se referência e colaborou para que outros moradores, assim como Zimbabwe, pudessem iniciar seu comércio.

Índio foi amigo da minha família, padrinho de uma das minhas primas, sempre que eu ia na frutaria dele ganhava alguma fruta, ou quando comprava algo, ele colocava um pouco a mais na sacola¹¹. Infelizmente já não se encontra em vida, tendo sofrido um atentado contra sua própria vida 17 anos atrás. A prática de vender miudezas¹² é uma das estratégias baseada na cooperação dos valores societários bantu e na filosofia ubuntu da coletividade, presente tanto na vida de quem precisa comprar para viver quanto de quem precisa vender para viver:

“Por isso que hoje eu vendo [pacotes] de meio quilo. Porque muitas pessoas compram de meio quilo.

Eu já cheguei a dar banda de frango para as pessoas, um 1 quilo de arroz, verdura. É melhor tu chegar e me pedir do que me pedir pra comprar e não pagar. Não é verdade? Se tu chegar e dizer: rapaz, to com fome, meus filhos estão passando necessidade. Eu não vou te pedir pra comprar, porque eu não tenho como te pagar. O que tu tem pra me dar pra eu dar para os meus filhos? Tá aqui, pode levar para os teus filhos.

Eu já cheguei a fazer isso. Por exemplo, chega um menino ai e diz: tio me dê uma banana. Eu pego uma palma de banana, boto dentro da sacola e digo: tome e leve para vocês comer.

Eu já passei fome cara, eu sei como funciona. (Zimbabwe, durante percurso urbano em 12/2022)

Existe uma relação mútua entre o comerciante e o cliente, para além da relação econômica opaca de compra e venda. Essa relação produz um equilíbrio nas relações entre os membros da comunidade e ultrapassa a relação de compra e venda, pois esta relação é mediada não pelo dinheiro, mas pela realidade compartilhada.

Eu tenho mais uma coisa pra você. Outro dia eu conversando com uma mulher aqui. Talvez seja o único comerciante que não mente para o cliente aqui. Porque, se a mercadoria prestar eu lhe digo que é boa, se for ruim só leva se quiser, mas não é bom. Eu só compro se for no último caso. Eu gosto de trabalhar com uma mercadoria para você comprar e

¹¹ Ao comprar 1kg de bananas, isso representa 10 bananas, o Índio colocava 2 bananas a mais dentro da sacola após pesar a fruta na balança, sem cobrar algum valor extra por isso.

¹² Miudeza é uma forma de se referir a venda de produtos fracionados: meio quilo de arroz, meio quilo de açúcar.

*“você chegar em casa e você comer e você voltar e dizer: Zimbabwe, é 10! Porque eu não sou daquele cara que compra coisa que não presta, porque eu quero te vender eu vou dizer que é bom. Tu come e não presta aí vai: pô, você me enganou, aí aqui tu não pisa mais.”
(Zimbabwe, durante percurso urbano em 12/2022)*

A honestidade com o cliente, presente no depoimento de Zimbabwe destaca dimensões da convivência societária que se fundamentam na lógica ubuntu de respeito e cuidado, que se traduz em relações de compaixão e empatia com os membros da comunidade a que pertence. Além dessas dimensões, o depoimento de Zimbabwe revela a identidade coletiva existente na lógica ubuntu de “sou porque somos”, uma vez que a identidade do indivíduo entrelaça-se com a comunidade e produz o sentimento de pertencimento comunitário. Esses fatores dimensionam uma lógica de vida presente nas sociedades bantu, onde tudo depende de uma pré-existência (CUNHA JR., 2020)

Imagem 5: Comércio de Zimbabwe

localizado na Rua do Matadouro.



Data: jan/2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Zimbabwe só vende meio quilo de arroz porque o grupo de pessoas que são seus clientes dão a ele essa condição. Essa situação ultrapassa a questão da mercadologia, dos estudos de base econômica que visam aprimorar o desempenho de empresas que atuam em territórios-alvo. Existem fatores da realidade que estão presentes nas comunidades onde a maioria são de pessoas afrodescendentes, que aproximam realidades vividas e desenham uma linha indivisível que transforma em unidade as especificidades da vida da população negra em bairros, semelhantes às sociedades africanas.

Considerações finais

As formas de vida da população negra adotam inúmeras dimensões nos espaços urbanos. As cidades brasileiras foram ocupadas por africanos e seus descendentes e essa presença africana no espaço urbano fez surgir uma infinidade de sociabilidades inéditas, para lembrar certo texto de Elikia M'Bokolo (2011), ao se referir às cidades da África Negra.

A reflexão em questão destaca a importância da afrodescendência e da africanidade, ressaltando a relevância dos conceitos de ancestralidade e comunidade como elementos

fundamentais nos bairros de predominância negra. Essas dimensões desempenham um papel crucial na construção da identidade e na estruturação social dos bairros negros.

Existe uma relação estreita entre as formas de sociabilidades em África e no Brasil. Os bairros negros são uma forma de interpretar essas sociabilidades nas cidades brasileiras. O desafio deste trabalho foi mensurar as vidas da população negra na comunidade Rosalina, relacionando-a com a ética Ubuntu e a lógica Bantu. Ambas são estruturas presentes nas sociedades africanas presentes na Comunidade.

Buscou-se apresentar elementos da vida cotidiana relacionados a economia, a sociabilidade, a cultura, valores morais, políticos e estéticos. O bairro negro estudado é uma metamorfose da presença africana nas cidades brasileiras, ao apresentar elementos que estão ligados à lógica Bantu e à ética do bem viver empregadas na filosofia do Ubuntu. Observa-se que nas relações comerciais existe uma lógica de solidariedade, confiabilidade e honestidade. Todos esses aspectos produzidos dentro do sentimento de comunidade. Sem eles, há possibilidades de conflitos e embates, situações evitadas cotidianamente pelos moradores.

Os estudos ainda precisam avançar e o que se buscou foi promover uma reflexão acerca da vida coletiva da população negra da Rosalina e como essa forma de vida está baseada na ética Ubuntu e na lógica Bantu. As concepções e aspectos religiosos dos espaços sagrados presentes na Comunidade não foram abordados, devido ao volume de aspectos presentes. E aqui, talvez, apresenta-se uma lacuna em que este estudo deva enredar em um futuro breve.

Dentro do território da Rosalina, é possível encontrar uma diversidade religiosa que abrange igrejas católicas, pentecostais, neopentecostais e terreiros de Umbanda. Este panorama religioso não é apenas uma coexistência pacífica, mas sim um campo de embates entre diferentes grupos. Destaca-se um grupo religioso predominante, que experimenta um crescimento notável, expandindo sua influência não apenas no aspecto físico, mas também no cultural e educacional da comunidade.

Esse crescimento vertiginoso desse grupo religioso cria um cenário no qual outros espaços religiosos enfrentam uma ameaça iminente de desaparecimento. O embate entre as diversas crenças e práticas religiosas na Rosalina reflete não apenas divergências religiosas, mas também disputas por território e influência social. A lógica das formas de vida, sob esse aspecto,

vem sofrendo metamorfose, transformando-se em algo distante dos valores e da ética aqui apresentados.

As lógicas de vida que orientam as formas de vida na Rosalina estão profundamente enraizadas na ética, lógica e valores Bantu e Ubuntu. Esses princípios africanos moldam as relações sociais, a moralidade e as dinâmicas comunitárias no bairro. A presença dessas diferentes vertentes religiosas e suas dinâmicas de competição e coexistência adiciona uma camada complexa à vida na Rosalina, onde questões religiosas interagem intrinsecamente com aspectos culturais e sociais.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Camila Sissa (2015). *Lugares, redes e sociabilidades: estudo etnográfico na periferia de Chapecó (SC)*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- CUNHA JR., H. A. (2020). Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(225), 120-132. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53061>
- CUNHA JR., Henrique Antunes. *NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu*. 2010.
- CUNHA JR., Henrique (2019). Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. In: *Revista da ABPN*, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? Abril de 2019: 65-86.
- CUNHA JR. Henrique (2020). Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 225: 120-132.
- HOUAISS (2004). *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2a ed. rev. e aum., 976 p.
- LUZ, NC do P (2002). Bahia a Roma negra: estratégias comunitárias e educação pluricultural. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-INTERCOM*, p. 1-18.
- QUERINO, Manuel (1918). O colono preto como fator da civilização brasileira. *Congresso Brasileiro de Geografia*, 6º, 1918, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro.
- M'BOKOLO, Elikia (2011). *África Negra: história e civilizações*. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Manuel Resende, revisada academicamente por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 754 p.
- RAMOSE, Mogobe B (2002). A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge: 324-330, por Éder Carvalho Wen.

- RAMOS, Maria Estela Rocha; CUNHA JR., Henrique. (org.) (2007). Espaço Urbano e afrodescendência: *Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas*. Fortaleza: UFC Edições.
- RAMOS, Maria Estela Rocha (2007). *Território afrodescendente: Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia)*. 186 p., Mestrado (dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Fac. de Arquitetura.
- ROLNIK, Raquel (1989). *Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro*. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, v. 17: 1-17.
- SANTOS, Milton (1997). *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2. ed. São Paulo: Hucitec.
- SILVA, Meryelle Macedo da.; CUNHA JÚNIOR, Henrique (2019). Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense. *GeoTextos*, vol. 15, n. 2, dezembro, M. Silva, H. Junior. 199-215.
- SILVA, Renata Aquino da (2018). *Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades*.
- SIMMEL, Georg (1983). Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. Georg Simmel: *Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ática.
- SODRÉ, Muniz (2002). *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia. (Bahia: prosa e poesia), 184 p.
- VASCONCELOS, F. A. de (2017). Filosofia Ubuntu. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 2: 100–112, 2017. DOI: 10.21728/logeion.2017v3n2.p100-112. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiininf/article/view/3841>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- VIDEIRA, Piedade Lino (2010). *Batuques e ladainha: a cultura do quilombo do Cria-u em Macapá e sua educação*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.